

mÉDIA, IMPÉRIO E NAÇÕES MODERNAS

06-07.05.2021 | 14:00-18:30 (HORA DE LISBOA)

PARTICIPAÇÃO GRATUITA COM INSCRIÇÃO OBRIGATÓRIA

EM <https://forms.gle/XUFFbhgdc3n5fib6>

ISMA.RESEARCH.NETWORK@GMAIL.COM


ORGANIZAÇÃO:



COFINANCIADO POR:



INTERNATIONAL SYMPOSIUM MUSICS IN AFRICA - ISMA'21



OS MÉDIA NA CONSTRUÇÃO DO IMPÉRIO PORTUGUÊS

E DAS NAÇÕES MODERNAS

6 E 7 DE MAIO 2021

14H00-18H30 (HORÁRIO DE LISBOA) VIA ZOOM

Nos últimos anos tem sido crescente a publicação de trabalhos sobre a importância da música na construção de representações no âmbito do império colonial português durante o século XX. Os múltiplos olhares sobre diversas práticas musicais têm ilustrado o seu papel na consolidação do poder colonial, na criação de imaginários do “império”, na legitimação de movimentos políticos, na construção de nações independentes e nas reconfigurações políticas, sociais e culturais do contexto pós-independências. Simultaneamente, tem também sido reforçada a compreensão do papel dos média nestes processos. Sabemos hoje que canais onde a música tinha uma presença fundamental, tais como a rádio, o cinema e a indústria fonográfica, entre outros, foram estruturantes para o quotidiano das populações, contribuindo decisivamente para processos políticos e sociais que marcaram o rumo histórico das relações coloniais e orientaram também à formação de ideologias promotoras das independências nacionais, sendo dispositivos eficazes para a sua manutenção.

Dado o conhecimento que tem sido produzido nestas vertentes, importa aprofundar o papel destes canais mediáticos como novos contextos de produção musical. Nas primeiras décadas do século XX, os processos de mediação no espaço imperial, tais como a radiodifusão, o cinema, a circulação de iconografia e literatura, a indústria fonográfica, entre outros, abriram espaço para novas formas de conceber práticas musicais já existentes. Também a disseminação de géneros e repertórios associados à *popular music* veio transformar contextos performativos locais, adaptando-os a imaginários cosmopolitas e à circulação de produtos à escala global. A relação entre a música e os média contribuiu decisivamente para a reformulação de categorias performativas e sociais, e para a implementação de políticas culturais.

Através deste encontro, pretende-se promover a interação entre investigadores cujo trabalho se cruze com estes processos de mediação da música, de modo a aprofundar a sua articulação com a configuração de imaginários do império português, o contexto pós-colonial e o modo como estes podem ter contribuído para a construção de realidades organizadas em torno de dicotomias tais como “colónia”/“metrópole”, “colonizado”/“colonizador”, “tradição”/“modernidade” e “rural”/“urbano”, ou conceitos tais como “cultura”, “lusotropicalismo” e “património”.

O International Symposium African Musics 2021 é organizado pelo Instituto de Etnomusicologia - Música e Dança (INET-md), da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (NOVA-FCSH).

COMISSÃO ORGANIZADORA

**João Soeiro de Carvalho
Maria de São José Côrte-Real
Pedro Mendes
Gianira Ferrara
Michael Dias
Maria Teresa Lacerda**

PROGRAMA

06.05

14:00 | NOTA DE BOAS-VINDAS

Comissão Organizadora, Professor Doutor João Soeiro de Carvalho (Chair)

14:15 | SESSÃO DE ABERTURA

Márisa Moorman (Departamento de História, Indiana University) - *A rádio em Angola contada em cinco músicas*

Moderação: João Soeiro de Carvalho

15:30 | PAINEL 1 | A CONSTRUÇÃO COLONIAL DA ALTERIDADE

Marílio Wane (NOVA-FCSH) - A música de Moçambique nas representações fotográficas da I Exposição Colonial Portuguesa (Porto, 1934)

Michael Dias (NOVA-FCSH) - "Um só fruto de muitos gomos": a construção aural do Império durante a década de 1930

Nina Baratti (GSAS- Universidade de Harvard) - Vislumbres de Música da Angola Colonial: A Marimba de Angola nos postais ilustrados do início do século XX

Moderação: Noemi Alfieri

16:45 | PAINEL 2 | INDÚSTRIAS FONOGRÁFICAS, MEDIATIZAÇÃO E REPRESENTAÇÕES IDENTITÁRIAS

Juliana Braz Dias (UnB) - A morna cabo-verdeana: produto da indústria fonográfica e símbolo de uma nação

Pedro Nunes (NOVA-FCSH) - Batida, Príncipe Discos e o valor da identidade local na divulgação de práticas musicais contemporâneas

Stefanie Alisch (HU) - "Estamos sempre a subir" - O papel da TPA2 na mainstreamificação do kuduro em Angola

Moderação: Marcos Cardão

07.05

14:00 | PAINEL 3 | CIRCULAÇÃO DE REPERTÓRIOS EM

MOÇAMBIQUE

Gianira Ferrara (NOVA-FCSH) e **Sara Morais** (UnB) - O lugar das timbila na construção do Império Português e da nação Moçambicana: uma mirada a partir de representações nos media

Catarina Valdigem (CECC- UCP) - A circulação de sonoridades indianas no Moçambique Colonial: uma perspetiva intermediática da receção da música de filme hindi

Nuno Domingos (ICS) - Brasil em África. Itinerários musicais em Lourenço Marques

Pedro Mendes (NOVA-FCSH) - O caso da LM Radio em Lourenço Marques: o impacto nas práticas musicais urbanas e a construção de um imaginário cultural global

Moderação: Marílio Wane

15:30 | PAINEL 4 | AUTORIDADE E PROTESTOS

Maria de São José Côrte-Real (NOVA-FCSH) - Música, corpo e autoridade colonial e católica hoje em Angola

Noemi Alfieri (NOVA-FCSH) - Si Bu Sta Dianti Na Luta: literatura, música e protesto a caminho da descolonização (1950-75).

Tirso Siteo (Pesquisador independente Bloco 4 Foundation) - Mídias sociais e protestos sociais em Moçambique pós-colonial: Experiências a partir de narrativas musicais de RAP de protesto social

Marco Freitas (NOVA-FCSH) - "Aqui Moçambique Livre": a construção sonora do assalto ao Rádio Clube Moçambique (7 de Setembro de 1974)

Moderação: Sara Morais

17:00 | PAINEL 5 | RECONFIGURAÇÕES:

LUSOTROPICALISMO E LUSOFONIA

Marcos Cardão (FLUL) - Muamba, banana e Cola. O hibridismo do Duo Ouro Negro

Sofia Lopes (NOVA-FCSH) - "Patati, Patata": a música na televisão e as mediações em torno do conceito de lusofonia

Guillermo de Llera Blanes (NOVA-FCSH) - Social Media na Lusofonia: notas do imaginário underground Afro-Português- sociabilidades dinâmicas em processos de mediação musical

Moderação: Maria de São José Côrte-Real



BIOGRAFIAS E ABSTRACTS

CATARINA VALDIGEM

(Centro de Estudos de Comunicação e Cultura, Universidade Católica Portuguesa - CECC - UCP)

Catarina Valdigem é doutorada em Média e Comunicações pela Goldsmiths, Universidade de Londres (2016). Atualmente é investigadora de pós-doutoramento no projecto “Broadcasting in the Portuguese Empire: Colonialism, Nationalism, Identity” coordenado por Nelson Ribeiro no Centro de Estudos de Comunicação e Cultura, da Universidade Católica Portuguesa. É professora auxiliar convidada na Faculdade de Ciências Humanas da mesma universidade, onde leciona na licenciatura e mestrado em ciências da comunicação. Os seus atuais interesses de pesquisa são a radiodifusão colonial, a receção histórica da rádio, a radiodifusão de sons de dissidência colonial em Angola e Moçambique, e as sonoridades sul-asiáticas no Moçambique colonial. É co-autora, com Rogério Santos do texto *Sebastião Coelho e a construção sonora da angolanidade*, *Africana Studia*, Vol. 34 (no prelo), e com José Ricardo Carvalheiro, do texto “Dando Género às Tecnologias e aos Lugares: As mulheres de classe operária dos bairros históricos de Lisboa”. In *A Caixa não Mudou o Mundo – Usos Femininos dos Media no Estado Novo*, (coord.) José Ricardo Carvalheiro. Coimbra: Minerva Editora.

A CIRCULAÇÃO DE SONORIDADES INDIANAS NO MOÇAMBIQUE

COLONIAL: UMA PERSPETIVA INTERMEDIÁTICA DA RECEÇÃO DA

MÚSICA DE FILME HINDI

Nesta comunicação discuto as políticas e lógicas de circulação de sonoridades indianas, aqui entendidas enquanto música de filme hindi, em diferentes média no Moçambique colonial (1932-1975). O meu pressuposto é de que embora as sonoridades indianas circulassem em diferentes média, nomeadamente na rádio, através do disco vinil e ainda dos filmes bollywood, elas convergiam ao nível das práticas de receção, produzindo paisagens sonoras alternativas aos repertórios de som dominantes, e contribuindo para a construção de imaginários de indianidade junto do seu auditório preferencial – as comunidades de origem indiana aí residentes

Para o desenvolvimento desta pesquisa, ainda em curso, apoio-me em fontes textuais primárias, e em dados de entrevistas com: a) pessoas ligadas à exibição do cinema indiano no Moçambique colonial; b) antigos ouvintes da música hindi nesse contexto; c) antigos frequentadores habituais de salas de cinema do território moçambicano onde a exibição do filme de bollywood era regular. Com base nestes dados pretendo discutir as políticas e práticas de escuta das sonoridades sul-asiáticas no Moçambique colonial, sublinhando o seu circuito na rádio, cinema, gramofone, e ainda nas performances ao vivo, especialmente produzidas a partir de meados da década de 60. Por outro lado, pretendo também mapear e discutir a lógica da distribuição, exibição e práticas de receção de filmes hindi em várias salas de cinema criadas em diferentes cidades em Moçambique, desde Lourenço Marques, Quelimane e Tete.

Nesta proposta dou atenção às frequências alternativas de som que marcaram as práticas de escuta no Moçambique colonial, para além das emissões radiofónicas coloniais e anticoloniais vigentes. O meu propósito é o de realçar a complexidade acústica cultural e identitária gerada no período colonial em Moçambique decorrente destes processos intermediáticos, indo para além das perspetivas polarizadas em torno das expressões sonoras (anti) coloniais que marcaram esse contexto.

GIANIRA FERRARA

(Instituto de Etnomusicologia - Música e Dança, Universidade Nova de Lisboa - INED-md, NOVA-FCSH)

É doutoranda em Etnomusicologia pela Universidade Nova de Lisboa. Conseguiu, em 2009, a licenciatura em Ciências Musicais na Faculdade de Letras e Filosofia da Universidade de Palermo e, em 2015, o mestrado em Ciências Musicais na Universidade Nova de Lisboa. Em Portugal, tem estudado as práticas musicais relacionadas com o *adufe*, pandeiro quadrangular presente especialmente na região da Beira-Baixa, e das práticas performativas das comunidades de migrantes angolanos da “descolonização”, com um foco especial nas relações entre música, memória e processos migratórios involuntários. A sua investigação de doutoramento verte sobre as práticas performativa das *timbila*, uma variedade de xilofones tradicionais difusos principalmente nos sul de Moçambique. É membro dos projetos internacionais de investigação “Timbila, Makwayela e Marrabenta: um século de representação musical de Moçambique” e “Etnomusicologia e tecnologia de Acústica Musical ao serviço da restituição da coleção de Timbila do Museu Nacional de Etnologia” desenvolvidos no Instituto de Etnomusicologia de (INET-md), na Universidade Nova de Lisboa.

O LUGAR DAS TIMBILA NA CONSTRUÇÃO DO IMPÉRIO PORTUGUÊS E DA NAÇÃO MOÇAMBICANA: UMA MIRADA A PARTIR DE REPRESENTAÇÕES NOS MEDIA (EM CO-AUTORIA COM SARA MORAIS)

Nossa comunicação abordará certos aspectos da representação das *timbila* em material bibliográfico e audiovisual produzido nos períodos colonial e pós colonial em Moçambique.

As *timbila* são xilofones tocados preeminentemente no sul deste país, especialmente no distrito de Zavala, e têm sido alvo da atenção mediática em períodos históricos sucessivos. Nosso objetivo é discutir como essa prática performativa foi descrita, gravada e filmada para representar o império português além fronteiras coloniais. Argumentamos também que a difusão das *timbila*, em diferentes suportes, teve um papel fundamental na construção da imagem da nação pós colonial. Analisar o modo como as *timbila* foram apropriadas por diferentes mídias em distintos contextos históricos, representando ideias e valores contrastantes, nos auxilia a compreender processos mais intrincados da sua trajetória, como o processo de patrimonialização que culminou com o seu reconhecimento pela Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) em 2005 no Programa das Obras-Primas do Patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade.

Desenvolveremos essa discussão por meio de um excuro analítico de material diverso (literatura colonial, imprensa, documentários, arquivos fonográficos) produzidos por diferentes investigadores, alguns dos quais tiveram um papel fundamental na história das *timbila*, como o etnomusicólogo Hugh Tracey e o historiador/antropólogo/administrador colonial António Rita-Ferreira. Iremos culminar a nossa análise incidindo no material contido no dossiê de candidatura enviado pelo governo moçambicano à Unesco, demonstrando como noções ainda hoje incorporadas pela prática cultural da *timbila*, que apelam tanto a um certo regionalismo, como a um sentido de pertença nacional e hoje internacional, remontam ao percurso delineado anteriormente. Ao longo desse período os media contribuíram para moldar e veicular valores morais e a padronizar uma prática expressiva a qual, todavia, nunca deixa de se reinventar.

GUILLERMO DE LLERA BLANES

(Instituto de Etnomusicologia - Música e Dança, Universidade Nova de Lisboa - INED-md, NOVA-FCSH)

É investigador no Instituto de Etnomusicologia (INET-MD). É instrutor no curso online “World Music Composition Styles” da Berklee Online - Berklee College of Music’s; membro honorário da A.M.A.E.I.; CEO da Kaminari Records; membro do grupo Primitive Reason; compositor para a Lusitanian Publishing e Music X Film; e artista independente multi-media. O seu trabalho na remistura e cruzamento musicais esteve na base da sua dissertação de mestrado, intitulada “Controllers as Musical Instruments, Controllerism as Musical Practice - studies for a new 21st century musical culture”. Actualmente, a sua pesquisa como música, docente, e académico prende-se com a aparente dualidade e questões de autenticidade em torno da música tradicional e moderna, assim como com as intermedialidades entre abordagens a instrumentos musicais acústicos e digitais.

SOCIAL MEDIA NA LUSOFONIA: NOTAS DO IMAGINÁRIO

UNDERGROUND AFRO-PORTUGUÊS- SOCIABILIDADES DINÂMICAS

EM PROCESSOS DE MEDIAÇÃO MUSICAL

De que maneira o processo de fazer música, quando tendo lugar fora dos centros euro-americanos, dá continuidade, comenta e / ou contesta as práticas discursivas ocidentais? Será que a relação com a história nacional – ou a mesma sensação de nação – é um pré-requisito para a criação de imaginários musicais por parte de artistas contemporâneos? Até que ponto podemos considerar as nações modernas do universo lusófono de África como estando envolvidos num processo de transição fluida onde pré-condicionamentos do ex-império Português dão lugar a configurações auto motivadas sobre identidade quando situada num contexto glocal? Através de uma apresentação do termo RIY 3 (de Remix/Resignify/Recycle It Yourself), proponho apresentar casos de estudo e provas de conceito que exemplificam práticas intermediais de criação musical moderna resultantes da exploração colaborativa do termo com três artistas que operam nas fronteiras e intersecções do espaço musical lusófono. As aparentes polaridades (resisto a utilização do termo dicotomia) de tradição/modernidade, rural/urbano, colónia/metrópole e colonizado/colonizador são consideradas pelos meus colaboradores através de várias conversas que as inspecionam os seus próprios processos de mediação durante a composição musical de obras das suas autorias. Vários mapas-musicais são apresentados com o objetivo de mostrar a relação – ou relacionamento – entre o ser e o lugar nas suas intenções – conscientes e inconscientes – durante o processo de ‘escrita’ musical, esperando assim revelar alguns processos de configuração dos seus imaginários pessoais como resposta – e em parte como comentário intermusical – ao seu espaço num ex-império Português. A música, e os fazedores de música, como meios, médiuns, média, medialidades, e modos de transmissão são o foco desta apresentação. Uma exposição que escrutina a ideia que promulga os atos de significação, as prospetivas e retrospectivas representações de tempo, e as fluidas formações de subjetividades internas como uma interação dialógica entre passados e presentes que são codependentes, representativos de uma inter-conetividade dinâmica entre várias regiões musicais.

JULIANA BRAZ DIAS

(Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, DAN/UnB)

É professora associada no Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília (Brasil) e pesquisadora associada na Universidade da Cidade do Cabo (África do Sul). Possui experiência nas áreas de Etnologia Africana e Cultura Popular, com realização de trabalho de campo em Cabo Verde e África do Sul. Suas pesquisas têm resultado em publicações sobre: música, carnaval, poesia, jogos e identidades sociais; mercantilização da cultura; processos de crioulização e etnicização; organização familiar e emigração. É líder do grupo de pesquisa ECOA - Etnologia em Contextos Africanos (UnB/CNPq).

A MORNA CABO-VERDIANA: PRODUTO DA INDÚSTRIA

FONOGRÁFICA E SÍMBOLO DE UMA NAÇÃO

As tecnologias de registro fonográfico foram fundamentais no processo de transformação da música em mercadoria. Gravadas em diferentes suportes, as performances musicais, antes efêmeras, tornaram-se perenes e autônomas, capazes de circular globalmente como produto da indústria fonográfica. Tal processo é frequentemente visto pelo crivo pessimista da herança frankfurtiana. Porém, como procuro argumentar, as tecnologias de gravação e transmissão dos sons são também mecanismos importantes na construção de memória social e de sentimentos de pertença. A indústria fonográfica é responsável pelo registro e preservação de um acervo musical que se sustenta ao longo do tempo e que pode ganhar diferentes sentidos, em diferentes contextos. Essas ideias iluminam a análise que proponho sobre a música cabo-verdiana e, em particular, o gênero “morna”. Características singulares a esse gênero – sobretudo seu sucesso entre as comunidades de cabo-verdianos emigrados – fizeram com que fosse privilegiado nas primeiras gravações de música cabo-verdiana, já na década de 1930. E a morna continuou revelando sua centralidade, inclusive no mercado de world music contemporâneo. Ao produzir a morna como mercadoria, a indústria fonográfica também permitiu a formação de um rico arquivo sonoro. Trata-se de um acervo que se mantém popular ao longo de várias décadas. Procuro mostrar como a história da morna registrada em discos recebe grande influência da indústria fonográfica e suas estratégias de mercado, que associam determinadas imagens à música produzida em Cabo Verde. De modo concomitante, examino como esses mesmos produtos musicais têm sido acionados internamente na construção de projetos para a nação cabo-verdiana.



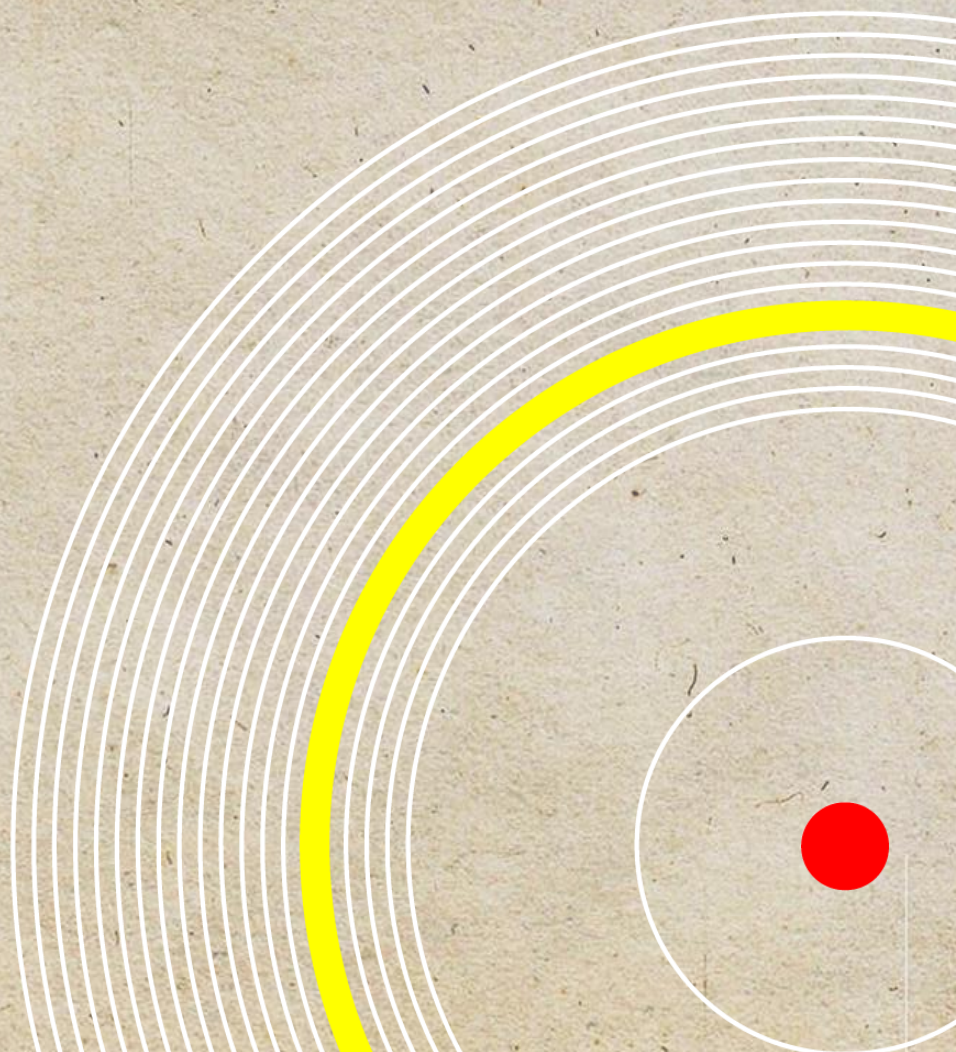
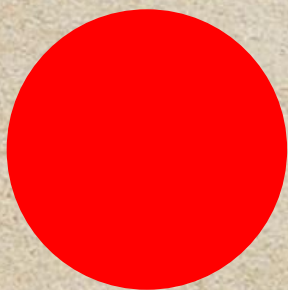
MARCOS CARDÃO

(Centro de Estudos Comparatistas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, CEC – FLUL)

É doutorado em História Moderna e Contemporânea pelo ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa (2013); investigador de Pós-doutoramento no Centro de Estudos Comparatistas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (CEC – FLUL); autor do livro *Fado Tropical. O luso-tropicalismo na cultura de massas 1960-1974* (Lisboa: Tigre de Papel, 2020), e coautor de *Gilberto Freyre: novas leituras, do outro lado do Atlântico* (São Paulo: Edusp, 2015).

MUAMBA, BANANA E COLA. O HIBRIDISMO DO DUO OURO NEGRO

O Duo Ouro Negro foi um dos conjuntos portugueses com maior projecção e reconhecimento internacional na década de 1960. O mediatismo na imprensa e a integração numa indústria fonográfica em expansão transformou o conjunto num caso raro de sucesso internacional. Ao estabelecer um diálogo com as noções de diáspora e hibridismo, o percurso musical do Duo Ouro Negro escapou à fixidez identitária, nacional e étnica, e traduziu uma história de deslocamentos e reinscrições. Não obstante a sua dimensão internacional e cosmopolita, o Duo Ouro Negro foi também objecto de discursos nacionalistas, nomeadamente quando se tentou converter as suas práticas expressivas numa expressão idealizada da nacionalidade, de modo a criar e manter a ideia de unidade do império português. Nesta comunicação pretendo analisar as formas de traduzir o percurso artístico do Duo Ouro Negro e comentar como as narrativas nacionalistas procuraram, por um lado, impor um sentido único às práticas expressivas do conjunto e, por outro lado, como estas se revelaram insuficientes para as explicar.



MARCO ROQUE DE FREITAS

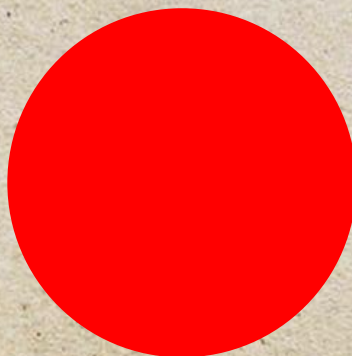
(Instituto de Etnomusicologia - Música e Dança, Universidade Nova de Lisboa - INET-md, NOVA-FCSH)

É doutorado em Ciências Musicais na NOVA-FCSH e investigador integrado no INET-md. Integra uma equipa de investigação multidisciplinar na “Infraestrutura ROSSIO: Ciências Sociais, Artes e Humanidades” na qualidade de especialista em música; e colabora com o Departamento de Ciências Musicais da NOVA FCSH na lecionação da disciplina “História da Etnomusicologia”. É autor dos livros *"Loucura ou Cultura?": Uma etnografia sobre música, género e sexualidade numa discoteca em Lisboa* (2018) e *"A Construção Sonora de Moçambique (1974-1994)"* (2020).

"AQUI MOÇAMBIQUE LIVRE": A CONSTRUÇÃO SONORA DO ASSALTO AO RÁDIO CLUBE MOÇAMBIQUE (7 DE SETEMBRO DE 1974)

Após o golpe militar de 25 de abril de 1974 iniciaram-se as negociações para terminar a guerra entre a FRELIMO e o governo português, culminando na assinatura dos “Acordos de Lusaca” no dia 7 de setembro de 1974, que previam a transferência total de poder para a FRELIMO, sem eleições, e após um curto governo de transição de nove meses. Alguns colonos desagradados com esta solução decidiram prosseguir a sua própria revolução e tomar de assalto o Rádio Clube Moçambique (RCM) em Lourenço Marques (agora Maputo), numa derradeira tentativa de abortar a assinatura dos acordos. Aos seus microfones foi então proclamada uma outra independência para o território.

Recorrendo a uma análise etnomusicológica das emissões do “Rádio Moçambique Livre” realizadas entre os dias 7 e 10 de setembro de 1974, esta comunicação pretende trazer uma nova perspetiva a esta insurreição. Terá como ponto de partida as gravações destas emissões conservadas no arquivo da Rádio Moçambique, em diálogo com a literatura existente sobre esta tentativa de golpe, imprensa periódica da época, e entrevistas realizadas a locutores, produtores radiofónicos e ao militar responsável pela senha que marcou o fim da insurreição. Alicerçado por um enquadramento teórico relacionado com a construção de nações e nacionalismo, analisarei o tipo de “construção sonora” desenvolvida durante este golpe, sobretudo no que diz respeito ao repertório musical usado nestas emissões para simbolizar noções de “revolução” e “independência”, contrapondo-o aos valores promovidos pelos protagonistas deste assalto.



MARIA DE SÃO JOSÉ CÔRTE-REAL

(Departamento de Ciências Musicais, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa)

É Professora Auxiliar de Etnomusicologia e Investigadora Integrada do Instituto de Etnomusicologia – Centro de Estudos em Música e Dança na Universidade Nova de Lisboa. É autora da tese *Cultural policy and musical expression in the transition from dictatorship to democracy in Portugal (1960-1986)* defendida na Graduate School of Arts and Sciences da Columbia University, em 2001; da edição bilingue (Port. e Ing.) do número especial da revista *Migrações 7, Música e Migração*, em 2010; e da edição *Music and Human Mobility - Redefining Community in Intercultural Context 5 (1)* em 2016 em *open access* na *web*, para além de numerosos artigos em jornais e livros académicos. Junta à sua atividade docente e de organização de conferências a de orientação de numerosos alunos de mestrado e doutoramento.

MÚSICA, CORPO E AUTORIDADE COLONIAL E CATÓLICA HOJE EM

ANGOLA

Esta apresentação parte de ideias veiculadas na orientação das teses de mestrado de Alexandra Urbano (2017) e de doutoramento de Moisés Rafael (2020). A primeira acerca de memórias recentes, de uma dezena de combatentes, a propósito do uso da música no final da guerra colonial em Cabinda e a segunda sobre o confronto entre o catolicismo e a cultura local na missa em Kawanga, na diocese de Benguela no planalto central de Angola. A ação militar colonial e a religiosa católica pós-colonial emergem como média nos quais a relação da música com o corpo humano, sobretudo através da dança, mas não só, assume significado fenomenológico intenso. Reflito sobre modos pelos quais autoridade de natureza diversa usou e usa a influência da música no corpo humano. O confronto de princípios imperiais, vivências corporais e reflexões traumáticas no terreno cruza-se com uma visão teórica etno-simbolista do estudo dos nacionalismos focando noções de etnicidade e elitismo, no enquadramento proposto na London School of Economics and Political Sciences, desta feita a propósito da moderna nação angolana.

MARÍLIO WANE

(Instituto de Etnomusicologia - Música e Dança, Universidade Nova de Lisboa - INET-md, NOVA-FCSH)

Nascido a 25 de Maio de 1980, na Cidade da Beira, em Moçambique, é graduado em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (Brasil) e Mestre em Estudos Étnicos e Africanos pela Universidade Federal da Bahia (Brasil). Desde 2007, actua como pesquisador na área de Etnomusicologia no ARPAC-Instituto de Investigação Sócio-Cultural, órgão subordinado ao Ministério da Cultura e Turismo de Moçambique. Paralelamente à larga experiência de pesquisa de campo, neste período, tem desenvolvido diversas actividades no âmbito da Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Intangível da Unesco, de 2003, em território nacional e em países como Angola, Brasil, Zimbábue e Argélia. Atualmente, faz o curso de Doutoramento em Ciências Musicais na Universidade Nova de Lisboa (Portugal). No seguimento das suas áreas de interesse temático, passou a atuar, a partir de 2018, como representante do ICTM – *International Council for Traditional Music* - em Moçambique.

A MÚSICA DE MOÇAMBIQUE NAS REPRESENTAÇÕES FOTOGRÁFICAS

DA I EXPOSIÇÃO COLONIAL PORTUGUESA (PORTO, 1934)

A fotografia desempenhou um papel importante na construção do imaginário do império colonial português, dentre outros aspetos, no sentido de fornecer imagens de povos e territórios sob o seu domínio aos habitantes da Metrópole. É o caso, por exemplo, do seu uso nas publicações relacionadas às exposições coloniais realizadas nos anos de 1934 e 1940, nas cidades do Porto e Lisboa, respetivamente. A presente comunicação aborda o papel da produção, publicação e circulação das fotografias no processo de objetificação (Handler, 1984) de determinadas práticas musicais “moçambicanas”, reconfiguradas como símbolos de uma pretensa identidade nacional-imperial portuguesa, no âmbito da I Exposição Colonial, de 1934. Trata-se de fotografias divulgadas através de publicações oficiais, como o Boletim Geral das Colónias, de álbuns fotográficos temáticos (como, por exemplo, do arquivo de Domingos Alvão) e da imprensa local na época. O processo de materialização do imaginário colonial caracterizou-se pela produção de representações ideológicas dos corpos e das práticas culturais dos povos colonizados. Dentre os diversos mecanismos postos em marcha para o efeito, este conjunto de imagens revela a folclorização de manifestações de música e dança (como a *timbila*, por exemplo), a partir da imposição de modelos performativos ocidentais às suas configurações originais (Lichuge, 2020). Para além do relato histórico deste processo, a reflexão sobre o uso da fotografia na construção do imaginário colonial traz elementos importantes para o debate contemporâneo no campo do património cultural. Particularmente, para a recente discussão acerca da restituição do património adquirido durante a vigência de regimes coloniais, o próprio acervo fotográfico constitui-se, ele próprio, como um conjunto de bens a serem intercambiados, a partir de novas perspetivas epistemológicas.

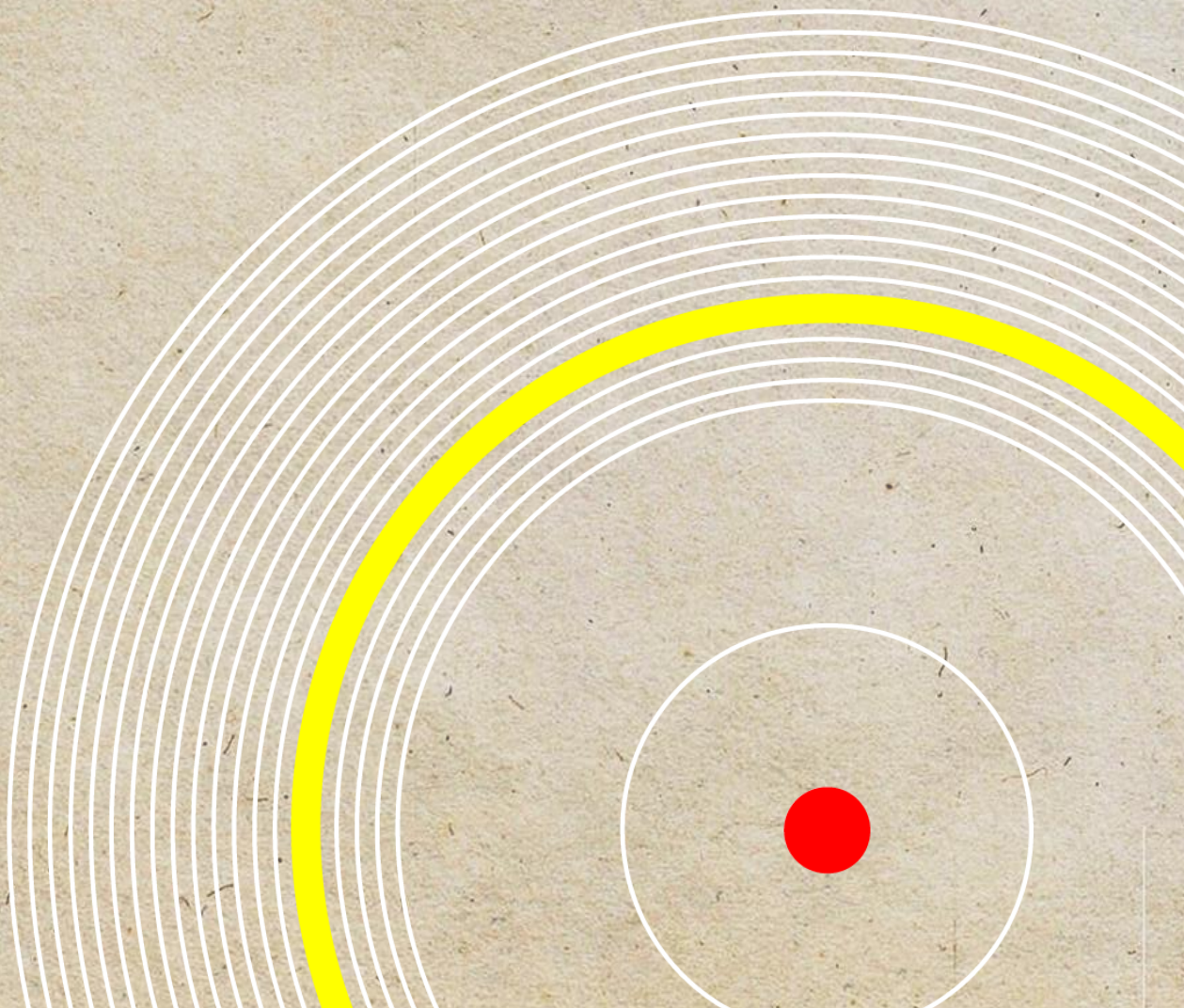
MARISSA MOORMAN

(Departamento de História, Indiana University)

É Professora Catedrática de História de África e Estudos de Média e Cinema na Indiana University, Indiana, Estados Unidos da América. Doutorada em História de África (2004) pela University of Minnesota, EUA, é autora das obras de ensaio *In tonations: a Social History of Music and Nation Luanda, Angola, 1945 to Recent Times*, EUA, Ohio University Press, 2008, edição original, em língua inglesa da obra que agora se publica e *Powerful Frequencies: Radio, State Power, and the Cold War in Angola, 1931-2002*, EUA, Ohio University Press, 2019. A autora, para além de diversas publicações sobre música, media, moda, cinema, rádio e espaço urbano, é editora do jornal académico *The Journal of African History*, Cambridge University Press e faz parte do conselho editorial do blogue *Africa is a Country*.

A RÁDIO EM ANGOLA CONTADA EM CINCO MÚSICAS

A minha apresentação gira em torno de cinco músicas. Uso as músicas para contar a história de rádio em Angola durante o século vinte (sobretudo a segunda parte do século) num período marcado pelo colonialismo tardio, pela guerra anti-colonial, travada por movimentos de libertação angolanos e por um programa de contra-subversão instituído pelas forças armadas portuguesas. Não se trata da história da produção musical, mas uma história da rádio através da música. Através destes cinco temas musicais abordaremos as tecnologias de áudio, as ansiedades coloniais, a ideia de Estado e os afetos gerados pelas frequências radiofónicas.



MICHAEL DIAS

(Instituto de Etnomusicologia - Música e Dança, Universidade Nova de Lisboa - INET-md, NOVA-FCSH)

È mestre em Etnomusicologia pela FCSH/NOVA (2017) com uma dissertação dedicada à experiência colonial de Belo Marques em Moçambique, nomeadamente ao modo de representação de um conjunto de práticas expressivas agrupadas sob a denominação de "música negra". É doutorando em Etnomusicologia no Departamento de Ciências Musicais da FCSH/NOVA, encontrando-se a desenvolver a tese de doutoramento, num quadro referente a processos de construção identitária, práticas performativas, suas representações e discursos no âmbito particular da relação colonial entre Portugal e Moçambique a partir da década de 1930 até 1960.

"UM SÓ FRUTO DE MUITOS GOMOS": A CONSTRUÇÃO AURAL DO IMPÉRIO DURANTE A DÉCADA DE 1930.

No Acto Colonial de 1930 encontra-se referido o Império Colonial Português como o conjunto de domínios de Portugal que, em virtude dos laços políticos e morais entre a metrópole e as colónias, constituem uma comunidade natural no que à sua economia se refere, integrada num sistema político de associação ou descentralização. É neste contexto de estratégia diplomática internacional e de uma retórica expansionista e proteccionista, no intuito de afirmar o poder imperial perante outras nações, que se começa a planear a Primeira Exposição Colonial Portuguesa, a ter lugar no Porto, Jardins do Palácio de Cristal, em 1934 (Garcia 2001).

Existem na imprensa da época, nomeadamente no periódico *Ultramar e Comércio do Porto-Colonial*, inúmeras referências à multiplicidade de sons no recinto, descrições por vezes profusamente adjectivadas que fornecem um olhar sobre o modo de conceptualização na metrópole acerca de práticas performativas nas colónias. O som, ao longo das inúmeras descrições da imprensa relativa à Exposição, encontra-se muitas vezes associado ao movimento, quer em termos da própria descrição de características do som, inclusivamente da voz, quer em termos da descrição dos movimentos corporais. Deste modo, estão implícitas representações do corpo do Outro quando se fala de "música" no contexto da Exposição Colonial, o que por si é já indicativo do modo de conceber, de forma implícita, a música do Outro. Também os instrumentos musicais integrar-se-iam nestes diversos discursos, contribuindo para a ideia de unidade imperial e, simultânea e paradoxalmente, para uma distinção binarizante entre metrópole e colónias.

Através da representação sonora das colónias, que nos chega através de descrições e crónicas na imprensa acerca do som e movimento, através de partituras de "canções indígenas", e através de um contexto histórico e social que importa sublinhar, é possível apreender concepções da alteridade e algumas contradições subjacentes ao discurso da modernidade.

NINA BARATTI

(Graduate School of Arts and Sciences, Harvard University)

É doutoranda em etnomusicologia na Universidade de Harvard (EUA), empreendeu recentemente um projecto de investigação sobre a música popular urbana angolana. Antes de se mudar para os Estados Unidos, trabalhou no ensino público como professora de música e de violino, instrumento em que ela se formou no Conservatório. Em 2016, obteve o mestrado em Musicologia pela Universidade dos Estudos de Milão e foi aluna Erasmus em Lisboa onde desenvolveu o seu projecto de dissertação, uma etnografia sobre a experiência de migração de um griot e tocador de kora Mandinga. Os seus estudos em Portugal influenciaram os seus interesses de pesquisa na área da etnomusicologia urbana e da antropologia do som. Além da música, Nina tem uma forte paixão pela arte contemporânea que a levou a colaborar no passado com a Fundação Moleskine, e a participar do programa virtual "Museo Futuro", um curso de formação em Museologia Experimental, idealizado e patrocinado pela Fundação Donnaregina para Artes Contemporâneas, Museo MADRE.

VISLUMBRES DE MÚSICA DA ANGOLA COLONIAL. A MARIMBA DE ANGOLA NOS POSTAIS ILUSTRADOS DO INÍCIO DO SÉCULO XX.

No início do século XX, o postal era um meio muito popular através do qual as pessoas se podiam relacionar a quilómetros de distância e colecionar lembranças de localidades distantes. À medida que os postais circulavam, as suas imagens reproduziam representações específicas de lugares, povos e culturas, perpetuando frequentemente um olhar colonial. Geralmente considerado como relíquia do passado ou exercício de saudade, o postal foi durante muito tempo ignorado enquanto forma documental. Contudo, recentemente, registou-se um interesse renovado por este meio como rica ferramenta metodológica e teórica no campo da etnografia multimodal, bem como dos estudos de cultura material (Gugganig e Schor 2020).

Com base neste debate académico, o meu trabalho examina os postais pelo seu valor musicológico, concentrando-se numa série destes impressos em Angola nas primeiras décadas do século XX, que retratam o instrumento musical angolano conhecido como a marimba. Embora a marimba seja muitas vezes evocada como um símbolo nacional de Angola, a sua história tem sido pouco investigada até hoje. A representação da marimba em postais, no entanto, sugere que este instrumento foi parte integrante do imaginário imperial da colônia africana portuguesa e sempre suscitou grande fascínio. Ao longo da apresentação, ilustro as múltiplas e contraditórias posições do instrumento ao longo da história angolana, desde o domínio colonial português até ao presente, interrogando as numerosas dicotomias em que a sociedade angolana tem sido construída (rural-urbano, folclórico-popular, tradicional-moderna, etc.) O objetivo final será demonstrar como a investigação sobre os objetos periféricos e aparentemente inertes e passivos, tais como os postais, pode ser essencial para o estudo das práticas musicais nos países pós-coloniais, uma vez que nos ajuda a olhar para além das narrativas dominante dos estilos musicais urbanos canonizados e a dar voz a histórias e tradições alternativas hoje menos representadas nos medias oficiais.

NOEMI ALFIERI

(Centro de Humanidades, Universidade Nova de Lisboa, CHAM, NOVA-FCSH)

É Doutorada em Estudos Portugueses, com especialização em História do Livro e Crítica Textual, pela FCSH – UNL. É bolsista de doutoramento FCT com a tese “(Re)Construir a identidade através do conflito. Uma abordagem às Literaturas Africanas em Língua Portuguesa (1961-74)”. É investigadora do CHAM– Centro de Humanidades, onde integra o grupo de investigação Leitura e Formas de Escrita e as linhas em Estudos Africanos e História da Mulheres e do Género. É membro da equipa do Projeto FCT “A Construção das Literaturas Africanas. Instituições e consagração dentro e fora do Espaço de Língua Portuguesa (1960-2020)”, do CLEPUL da Universidade Lisboa.

“SI BU STA DIANTI NA LUTA”: LITERATURA, MÚSICA E PROTESTO A CAMINHO DA DESCOLONIZAÇÃO (1950-75).

A partir dos anos '50 do século passado, os esforços do regime salazarista na manutenção do império português em África insistiram numa propaganda conciliadora, através da ideia de convivência racial pacífica veiculada pelo luso-tropicalismo e reproduzida nos órgãos de comunicação do regime e na imprensa periódica. No plano literário a recusa do modelo colonial e a valorização das culturas africanas tiveram reflexo na poesia de inspiração realista, que representava a vida cotidiana do povo nos *musseques* e nos bairros periféricos. Revistas como a *Cultura* (Luanda), *O Brado Africano* (Lourenço Marques) ou a *Mensagem* (Lisboa) veicularam esta produção apesar da censura, das perseguições e da repressão da PIDE para com os escritores anti-coloniais, que frequentemente integravam as fileiras dos movimentos de libertação. Se o aprisionamento, a clandestinidade e o exílio marcaram a vida e a produção intelectual destes escritores, projetos musicais de denúncia como o dos N'gola Ritmos também sofreram uma violenta repressão: a prisão e deportação dos seus fundadores, “Liceu” Vieira Dias e Amadeu Amorim, para o Tarrafal, em 1959 foi seguida pela de José Maria dos Santos (1960). José Carlos Schwarz, também preso político nas Galinhas, transitou entre a poesia e a música, optando pelo *kriol* para uma maior proximidade com o povo guineense e conseguindo, com os Cobiana Djazz, a transmissão de músicas de protesto como *Mindjeris di Panu Pretu* (1970) ou *Po Ka Ta Bida Lagarto* (1972) na RDN - Rádiodifusão Nacional, emissora do regime. Em 1974, no EP *Monangambé*, com nota de José Luandino Vieira, Rui Mingas musicou o homónimo poema de António Jacinto e *Adeus à hora da largada*, de Agostinho Neto. Nesta comunicação abordar-se-ão a forma em que, durante a guerra e até às independências, algumas manifestações de resistência à repressão salazarista na música e na poesia foram veiculadas pela rádio e a imprensa, tal como o papel do conflito e da utopia nestas produções.

NUNO DOMINGOS

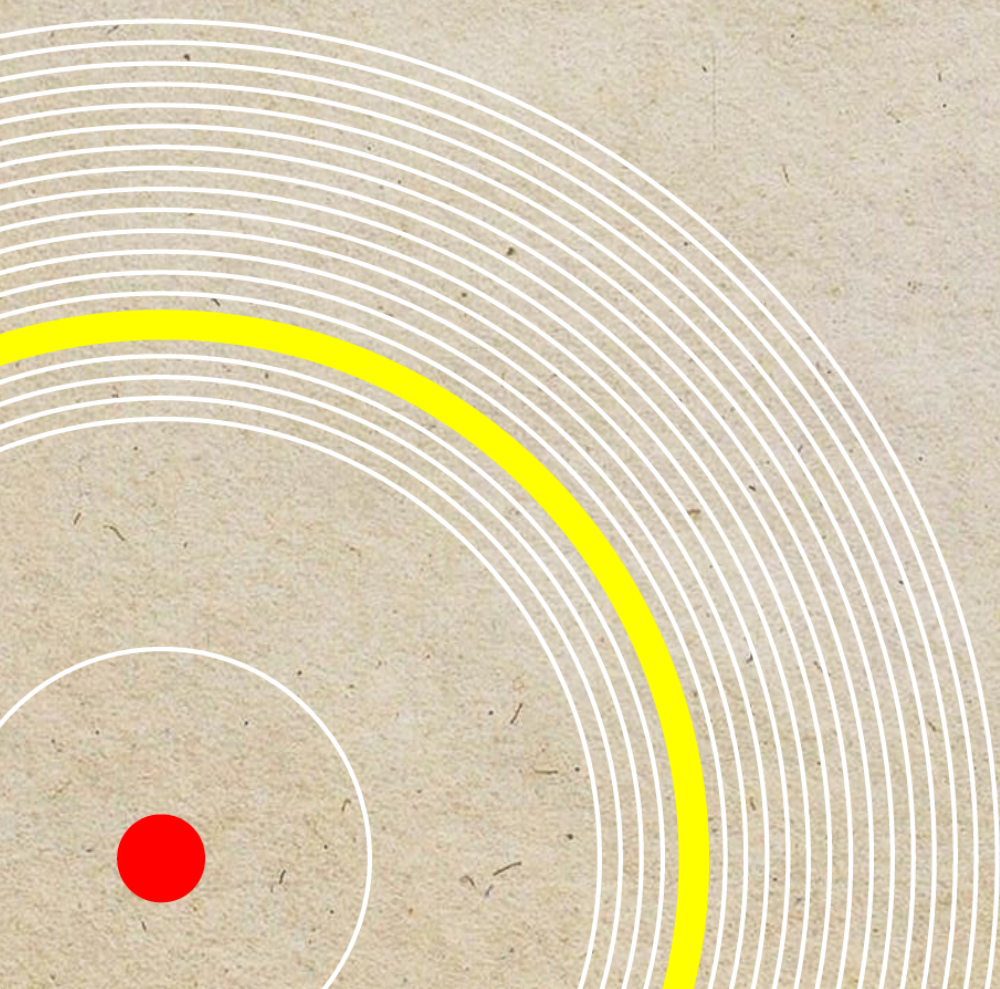
(Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa)

É Investigador Auxiliar no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Tem trabalhado sobre a história do colonialismo português, nomeadamente em Moçambique durante o período do Estado Novo. Publicou *A Ópera do Trindade. O Papel da Companhia Portuguesa de Ópera na 'política social' do Estado Novo* (Lisboa: Lua de Papel/INET, 2007), *Futebol e Colonialismo. Corpo e Cultura Popular em Moçambique* (Lisboa: ICS, 2012) e editou, com Elsa Peralta, *Cidade e Império. Dinâmicas coloniais e reconfigurações pós-coloniais* (Lisboa: Ed 70, 2012).

BRASIL EM ÁFRICA. ITINERÁRIOS MUSICAIS EM LOURENÇO

MARQUES

Esta proposta procura avaliar o lugar da música brasileira no contexto do colonialismo tardio em Lourenço Marques, tanto no quadro do desenvolvimento da cultura europeia do centro da cidade, como no âmbito dos bairros suburbanos onde habitavam predominantemente as populações africanas. A importância da música brasileira é aqui percebida como uma dimensão de um interesse mais geral sentido em Lourenço Marques pela cultura brasileira - da literatura ao desporto - em diversos estratos da população local. Esta investigação baseia-se em investigação na imprensa local, mediadora da chegada de novos hábitos culturais e musicais, mas também em testemunhos de habitantes das periferias urbanas, nomeadamente em relação aos seus hábitos de escuta musical.



PEDRO MENDES

(Instituto de Etnomusicologia - Música e Dança, Universidade Nova de Lisboa - INET-md, NOVA-FCSH)

É doutorando em Etnomusicologia na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (Universidade Nova de Lisboa), trabalhando sobre música popular urbana em Lourenço Marques no período tardo-colonial. É licenciado em Ciências Musicais e mestre na variante de Etnomusicologia pela mesma instituição. Integrou a equipa do projecto de investigação “Timbila, Makwayela e Marrabenta: um século de representação musical de Moçambique” (PTDC/CPC-MMU/6626/2014).

O CASO DA LM RADIO EM LOURENÇO MARQUES: O IMPACTO NAS PRÁTICAS MUSICAIS URBANAS E A CONSTRUÇÃO DE UM IMAGINÁRIO CULTURAL GLOBAL

Durante o período colonial, os conteúdos radiofónicos foram um elemento estruturante no dia-a-dia dos habitantes de Moçambique. O Rádio Clube de Moçambique (RCM), fundado em Lourenço Marques na década de 1930, tornou-se numa instituição central no território. No final da década de 1940, deu-se uma reorganização dentro dos conteúdos transmitidos, criando-se um espaço autónomo dentro do RCM para a LM Radio, a estação B, cujas locuções eram feitas em inglês, direcionadas sobretudo para a África do Sul. No entanto, a sua emissão também contava com um vasto número de seguidores entre os habitantes de Lourenço Marques. Entre estes, a população jovem viu na LM Radio uma importante referência, um canal onde era possível ouvir as últimas novidades do mercado discográfico anglo-saxónico, poucos dias após os lançamentos. A sua popularidade passou a ser determinante também para os conjuntos musicais de Lourenço Marques que, conhecendo as expectativas do público, incluíam no seu repertório os êxitos mais recentes que constavam na sua emissão. A estação interrompeu a sua atividade em 1975, após a independência de Moçambique. Partindo de testemunhos de músicos e de outros habitantes da cidade, esta comunicação pretende realçar a importância da LM Radio para a circulação de repertórios em Lourenço Marques e para a prática dos conjuntos musicais da cidade. Além do impacto nas práticas musicais, pretende-se também abordar o seu papel na construção de imaginários culturais globais, para além dos limites da relação entre colónia e metrópole.

PEDRO NUNES

(Instituto de Etnomusicologia - Música e Dança, Universidade Nova de Lisboa - INET-md, NOVA-FCSH)

É doutorado em Film and Media Studies pelo Stirling Media Research Institute da Universidade de Stirling e mestre em Sociologia pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Foi Professor Convidado do Departamento de Ciências Sociais e de Gestão da Universidade Aberta e Professor Adjunto da Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha, Instituto Politécnico de Leiria. É Investigador Integrado do Instituto de Etnomusicologia da FCSH-UNL desde 2006. Tem investigado e publicado sobre jornalismo e crítica musical, a indústria fonográfica em Portugal e culturas e movimentos juvenis.

BATIDA, PRÍNCIPE DISCOS E O VALOR DA IDENTIDADE LOCAL NA DIVULGAÇÃO DE PRÁTICAS MUSICAIS CONTEMPORÂNEAS

A Príncipe Discos é uma editora fundada em 2011 e sediada em Lisboa. Ao longo da última década ganhou proeminência entre as várias micro-editoras surgidas no contexto de reconfiguração da indústria fonográfica no último milénio pelo trabalho de edição e divulgação de um estilo e prática musical, oriundo de certos bairros periféricos da Grande Lisboa, denominado de batida do gueto. Esta é uma categorização que mescla estilos de kuduro, quizomba e afrohouse num estilo peculiar de música de dança electrónica com a prevalência de batidas produzidas por computador usando software pirata no qual o ritmo é central e a harmonia quase inexistente. A originalidade do estilo e o facto de ter origem num determinado contexto local (os bairros pobres habitados por comunidades luso-africanas da periferia de Lisboa) são aspectos mencionados, em inglês, na página do bandcamp da editora: "PRÍNCIPE (...) is fully dedicated to releasing 100% real contemporary dance music coming out of this city, its suburbs, projects & slums. New sounds, forms and structures with their own set of poetics and cultural identity." Neste paper irei debruçar-me sobre os impactos da Príncipe na disseminação do estilo Batida e nas carreiras dos músicos que praticam este estilo dentro dos universos mais abrangentes da música de dança electrónica e da música africana em Portugal. Irei apoiar a minha abordagem em entrevistas realizadas aos músicos e aos agentes dentro da editora, bem como na análise de discurso no site da editora e de artigos de imprensa em publicações especializadas em música.



SARA SANTOS MORAIS

(Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, DAN/UnB)

Mestre e doutora em Antropologia Social pela Universidade de Brasília (UnB), Brasil. Em 2011, realizou pesquisa em Maputo, Moçambique, sobre a circulação de moçambicanos que estudaram em universidades brasileiras e retornaram a seu país de origem. Desde 2013 atua como técnica em antropologia no IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) /Brasil. Tem desenvolvido pesquisas sobre as *timbila* desde 2016; em 2020 defendeu tese de doutorado sobre o lugar dessa expressão musical no projeto de construção da nação em Moçambique. É pesquisadora do Laboratório ECOA (Etnologia em Contexto Africanos) da UnB. Tem interesse e vem escrevendo artigos e capítulos de livros sobre os seguintes temas: patrimônio cultural imaterial no Brasil e no continente africano; processos de construção da nação na África; expressões musicais e nação; política cultural e processos de patrimonialização; formação e fluxos de grupos chopes em Moçambique; festivais culturais no continente africano.

O LUGAR DAS TIMBILA NA CONSTRUÇÃO DO IMPÉRIO PORTUGUÊS E DA NAÇÃO MOÇAMBICANA: UMA MIRADA A PARTIR DE REPRESENTAÇÕES NOS MEDIA (EM CO-AUTORIA COM GIANIRA FERRARA)

Nossa comunicação abordará certos aspectos da representação das *timbila* em material bibliográfico e audiovisual produzido nos períodos colonial e pós colonial em Moçambique.

As *timbila* são xilofones tocados preeminentemente no sul deste país, especialmente no distrito de Zavala, e têm sido alvo da atenção mediática em períodos históricos sucessivos. Nosso objetivo é discutir como essa prática performativa foi descrita, gravada e filmada para representar o império português além fronteiras coloniais. Argumentamos também que a difusão das *timbila*, em diferentes suportes, teve um papel fundamental na construção da imagem da nação pós colonial. Analisar o modo como as *timbila* foram apropriadas por diferentes medias em distintos contextos históricos, representando ideias e valores contrastantes, nos auxilia a compreender processos mais intrincados da sua trajetória, como o processo de patrimonialização que culminou com o seu reconhecimento pela Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) em 2005 no Programa das Obras-Primas do Patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade.

Desenvolveremos essa discussão por meio de um excuro analítico de material diverso (literatura colonial, imprensa, documentários, arquivos fonográficos) produzidos por diferentes investigadores, alguns dos quais tiveram um papel fundamental na história das *timbila*, como o etnomusicólogo Hugh Tracey e o historiador/antropólogo/administrador colonial António Rita-Ferreira. Iremos culminar a nossa análise incidindo no material contido no dossiê de candidatura enviado pelo governo moçambicano à Unesco, demonstrando como noções ainda hoje incorporadas pela prática cultural da *timbila*, que apelam tanto a um certo regionalismo, como a um sentido de pertença nacional e hoje internacional, remontam ao percurso delineado anteriormente. Ao longo desse período os media contribuíram para moldar e veicular valores morais e a padronizar uma prática expressiva a qual, todavia, nunca deixa de se reinventar.

SOFIA LOPES

(Instituto de Etnomusicologia - Música e Dança, Universidade Nova de Lisboa - INET-md, NOVA-FCSH)

Doutoranda em Etnomusicologia, é investigadora do INET-md. Licenciada e Mestre, em Ciências Musicais – Etnomusicologia (NOVA FCSH), com a dissertação: *“Duas horas vivas numa TV morta”: Zip-Zip, Música e Televisão no preâmbulo da democracia em Portugal*. É criadora e *team leader* da iniciativa internacional EUROVISIONS (www.eurovisionseu.com). Foi bolsista (BII-FCT) do projeto *A indústria fonográfica em Portugal no Séc. XX* e hoje é investigadora dos projetos *ORFEU (1956-1983): Políticas e estéticas da produção e consumo de popular music no Portugal moderno* e *EcoMusic - Práticas sustentáveis: um estudo sobre o pós-folclorismo em Portugal no século XXI* (INET-md). Desenvolve trabalho de investigação no âmbito dos Festivais Eurovisão e RTP da Canção, música e *media* e indústrias da música, financiado pela FCT. Tem artigos e capítulos de livros publicados e apresenta regularmente o seu trabalho em conferências nacionais e internacionais. Simultaneamente, tem desenvolvido atividade docente em diversos conservatórios de música.

“PATATI, PATATA”: A MÚSICA NA TELEVISÃO E AS MEDIAÇÕES EM TORNO DO CONCEITO DE LUSOFONIA

A televisão tem sido um medium privilegiado para a construção de narrativas acerca do passado, criando uma comunidade imaginada (Anderson 1983) em torno de um legado comum. Mesmo com a gradual perda de importância e de ubiquidade que a televisão tem enfrentado ao longo dos últimos anos, este medium tem sido fundamental para forjar e mediar discursos acerca do passado histórico português, do legado colonial e das relações pós-coloniais. Neste contexto, a RTP – serviço público de rádio e televisão português – tem sido um veículo privilegiado para a manutenção de um espaço geopolítico imaginado, tendo por base uma língua comum, e preconizando o conceito de lusofonia na esfera mediática e na sociedade civil.

Em 2018, quando Portugal acolheu pela primeira vez o Festival Eurovisão da Canção (ESC), a RTP optou por mobilizar um conjunto de narrativas acerca do legado histórico português e da Lusofonia, convocando-os enquanto “marcas” identitárias para a conceptualização criativa dos espetáculos televisivos que produziu. Fê-lo em duas fases: a primeira na sua seleção nacional – o Festival RTP da Canção e, depois, na conceção do ESC. A forma como estes elementos foram utilizados enquanto bases conceptuais dos dois programas de televisão podem ser observadas em diferentes aspetos desde o design aos guiões, dos intervalacts e às canções a concurso.

Partindo do trabalho de campo realizado e da análise do discurso diretos dos intervenientes no processo criativo, da transmissão televisiva e dos discursos mediáticos que se criaram em torno destes eventos, o objetivo desta comunicação é apresentar uma visão crítica da forma como a televisão opera processos de significação de um passado colonial que é hoje cada vez mais posto em causa. Pretende-se assim lançar o debate acerca da forma como a música, mediada através da televisão, é uma ferramenta privilegiada para a criação de comunidades imaginadas.

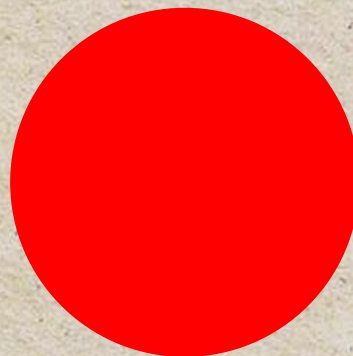
STEFANIE ALISCH

(Institute for Musicology and Media Studies Humboldt University)

Gere a disciplina de música popular na Humboldt Universität zu Berlin desde Outubro 2018. Em 2017 ela defendeu a doutoramento chamado "Angolan Kuduro: Carga, Aesthetic Duelling, and Pleasure Politics performed through Music and Dance" na Bayreuth International Graduate School of African. Actualmente pesquisa sobre a mazurka na região Atlântica e sobre epistemologias de sound systems.

"ESTAMOS SEMPRE A SUBIR" - O PAPEL DA TPA2 NA MAINSTREAMIFICAÇÃO DO KUDURO EM ANGOLA

Kuduro ("hard ass") é a música electrónica angolana. As pessoas acompanham as faixas rítmicas do Kuduro com mini-coreografias específicas, os toques. O Kuduro teve origem em meados da década de 1990 e é hoje a cultura jovem mais popular em Angola. Assim, o Kuduro passou cerca de 20 anos na presidência de José Eduardo dos Santos. Ele estabeleceu um sistema petro-capitalista que beneficiava os seus círculos mais próximos, enquanto a população em geral vivia com menos de US \$ 2 por dia. Enquanto a elite cultural menospreza o kuduro como "apenas gritaria" ou "só barulho sem melodias e harmonias", o regime dos Santos abraçou, aos poucos, o kuduro. José Eduardo "Coréon Dú" Paulino dos Santos, um dos onze filhos do Presidente, desempenhou um papel fundamental na criação de formatos televisivos como "Bounce", "Tchilar", "Sempre a Subir". Através destes programas, muitos kuduristas tornaram-se visíveis e foi criado um arquivo de um estilo que não foi oficialmente registado. Digitally native, colorido e dinâmico e também serviu para representar uma imagem moderna, cosmopolita e jovem do país no exterior e da própria população. Nesta palestra faço uma breve reflexão sobre o papel dos meios de comunicação na introdução do Kuduro nos anos da presidência de José Eduardo dos Santos. Este estudo baseia-se em pesquisas de campo em Luanda, Lisboa, Maputo, Paris, Berlim e na Internet entre 2011 e 2017. Utilizo entrevistas com Coréon Dú e varix kuduristas além das minhas observações durante a participação activa no programa "Sempre a Subir" e a campanha "Os Kuduristas" para refletir sobre as ambivalências da produção mediática sobre o Kuduro.



TIRSO SITO E

(Pesquisador Independente Bloco 4 Foundation)

Pesquisador e diretor executivo da Bloco 4 Foundation- Pesquisa em ativismo, cidadania e políticas sociais. Mestrado e pós-graduado em relações interculturais pela Universidade Aberta de Lisboa. Licenciado em Antropologia pela Universidade Eduardo Mondlane. Sua pesquisa centra-se em música de crítica e protesto social em Moçambique pós-colonial, processo de identificação juvenil, ativismo, processos políticos e de governação.

MÍDIAS SOCIAIS E PROTESTOS SOCIAIS EM MOÇAMBIQUE PÓS-COLONIAL: EXPERIÊNCIAS A PARTIR DE NARRATIVAS MUSICAIS DE RAP DE PROTESTO SOCIAL

Diferentes configurações de comunicação visual, discursos poéticos e performances de resistência ou de protesto em público, tendo atores principais a juventude, marcaram de forma ímpar os finais dos anos 90 e inícios de 2000. O exemplo disso, são as narrativas musicais de agrupamentos como GroFam e do Azagaia, que foram articulando projetos individuais aos coletivos, movendo diversos atores sociais dos contextos urbanos de Moçambique entre o campo político, cultural e social. Este cenário, foi sendo marcado pela censura e perseguição política em canais radiofónicos e televisivos que deram pouco espaço de antena a estas narrativas musicais acusando-as de excitar a violência algumas. No entanto, as Mídias digitais, para além dos circuitos informais (rua, espetáculos e de gravação estúdios) se tornou um dos canais por excelência, de circulação e consumo destas narrativas. Com o presente documento, pretendo ilustrar o modo como os canais radiofónicos e televisivos desempenharam um papel fundamental no galvanizar de um conjunto de narrativas musicais de protesto social ao mesmo tempo que abriu espaço para legitimação de lutas de grupos politicamente e socialmente marginalizados.

